

ASPECTOS NA ABORDAGEM TERAPÊUTICA DO PACIENTE COM EPILEPSIA- UMA REVISÃO DE LITERATURA

Jheovanne Anjos de Castro ⁽¹⁾
Lucas Carlos da Silva ⁽²⁾
Raina Maria Bulhões Alves ⁽³⁾
Prof.^a Dra. Nelzir Martins Costa ⁽⁴⁾

Data de submissão: 21/11/2021. Data de aprovação: 06/21/2021.

RESUMO: Introdução: Conceitualmente a epilepsia é caracterizada por uma predisposição em causar crises epiléticas, em que são determinadas como um conjunto de sinais e sintomas neurais síncronos e excessivos de ocorrência súbita e transitória. O diagnóstico é essencialmente clínico, sendo caracterizado pelo menos dois episódios de crises não provocadas (ou reflexas) ocorrendo em um período superior a 24 horas, como auxílio pode-se utilizar o Eletroencefalograma e Ressonância Magnética. **Objetivo:** analisar as formas de manejo clínico, farmacológico e cirúrgico existentes para a epilepsia a partir das literaturas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, de caráter descritiva para a qual foram selecionados 12 artigos pesquisados nas plataformas: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), livros e protocolos, nas línguas inglês e português. **Resultados:** A partir da análise das literaturas nota-se que os objetivos que serão alcançados com o tratamento visam a redução ou remissão completa das crises epiléticas e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pacientes. **Considerações Finais:** Em consenso aos resultados analisados, a discussão busca ressaltar os tratamentos para epilepsia, tanto não medicamentosos como dieta cetogênica e a realização de cirurgias, quanto farmacológicos, destacando as principais drogas como carbamazepina, fentanil, fenobarbital e ácido valproico, que visam a redução de crises. Ressonância Magnética.

Palavras-chave: Epilepsia. Crises epiléticas. Tratamento.

ASPECTS IN THE THERAPEUTIC APPROACH OF THE PATIENT WITH EPILEPSY - A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

Introduction: Conceptually, epilepsy is characterized by a predisposition to cause epileptic seizures, which are determined as a set of synchronous and excessive neural signs and symptoms of sudden and transient occurrence. Diagnosis is essentially clinical, being characterized by at least two episodes of unprovoked (or reflex) crises

¹ Graduando do curso de Medicina do ITPAC - Porto Nacional. E-mail: jheovannecastro@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0169701347768234>.

² Graduando do curso de Medicina do ITPAC - Porto Nacional. E-mail: lucascarlos48372@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6190883174073674>.

³ Graduanda do curso de Medicina do ITPAC - Porto Nacional. E-mail: rainabulhoes@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1675888885800862>

⁴ Professora Doutora do curso de Medicina do ITPAC - Porto Nacional. E-mail: nelzirmartins@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6248506533532754>.

occurring over a period of more than 24 hours. Electroencephalogram and Magnetic Resonance can be used as an aid. **Objective:** to analyze the existing forms of clinical, pharmacological and surgical management for epilepsy based on the literature. **Methodology:** This is a systematic literature review, descriptive in nature, for which 12 articles were selected, searched on the platforms: Academic Google, Scientific Electronic Library Online (SciELO), books and protocols, in English and Portuguese. **Results:** Based on the analysis of the literature, it can be noted that the goals that will be achieved with the treatment aim at the reduction or complete remission of epileptic seizures and provide a better quality of life for patients. **Final Considerations:** In agreement with the analyzed results, the discussion seeks to highlight the treatments for epilepsy, both non-drug such as ketogenic diet and the performance of surgeries, as well as pharmacological ones, highlighting the main drugs such as carbamazepine, fentanyl, phenobarbital and valproic acid, which aim at crisis reduction.

Keywords: Epilepsy. Epileptic seizures. Treatment.

Introdução

A epilepsia é uma disfunção cerebral provocada por descargas elétricas anômalas, em que podem desencadear crises convulsivas, variadas por suas características fisiopatológicas decorrentes da localização anatômica no cérebro (COSTA, 2012). A crise epiléptica é entendida como a ocorrência transitória de sinais e sintomas causados pela atividade neuronal síncrona ou excessiva no cérebro, nos quais incluem fenômenos anormais súbitos e transitórios (YACUBIAN, 2014). Já a epilepsia é definida por episódios de duas crises não provocadas (ou reflexas), separadas por mais de 24 horas com a possibilidade de recorrência de uma nova crise epiléptica em 60% dos casos (FISHER, 2017).

O primeiro relato dessa patologia encontra-se registrado em um capítulo de um livro babilônico. A obra descreve vários tipos de ataques epilépticos com ricos detalhes, o texto é datado de 2000 a.C e várias crises lá detalhadas ainda são reconhecidas na atualidade. Há em cada crise uma ênfase sobre a questão sobrenatural a sua volta, sempre lhe atribuindo nomes de demônios ou espíritos, geralmente do mal (GÓIS, 2004).

Pacientes com epilepsia, continuamente sofrem de um mal mais prejudicial que a doença em si, o estigma. O preconceito começa pela gênese da palavra que tem origem grega na qual significa ser invadido e possuído. Na antiguidade, os portadores eram discriminados por não se adequarem às normas sociais, e até hoje alguns desses preconceitos são mantidos, causando um impacto biopsicossocial para os acometidos (FERNANDES, 2006).

A epilepsia ocupa a terceira posição como principal contribuinte dentre os distúrbios neurológicos, que afetam 65 milhões de pessoas no mundo (DEVINSKY, 2018). Os dados epidemiológicos são fundamentais para proporcionar uma melhora nos cuidados às pessoas com epilepsia, na qual, permite correlacionar informações e desenvolver políticas públicas (KANASHIRO, 2006).

Com uma vasta gama de etiologias, a investigação da epilepsia deve ter foco no contexto clínico bem detalhado incluindo, idade, início, tipo da crise e se há fatores

desencadeantes. Para o diagnóstico são fundamentais o Eletroencefalograma (EEG) que descreve alterações epileptiformes, ocasionadas pela disfunção neuronal das crises ou intervalo entre elas, e também a Ressonância Magnética (RM) colabora para visualizar se há algum substrato patológico no encéfalo (PURPLE BOOK, 2020).

O tratamento das epilepsias geralmente é feito com fármacos anticrises e deve ser individualizado conforme o tipo da crise, comorbidades e a acessibilidade das medicações. Dentre outras opções terapêuticas para o tratamento da epilepsia, podemos citar: A neuromodulação, como por exemplo: Estimulador do Nervo Vago (VNS) e a Estimulação Cerebral Profunda (DBS); Dieta Cetogênica (DC), que assemelha-se aos resultados bioquímicos do jejum que mantém o anabolismo e o tratamento cirúrgico que está indicado aos pacientes com epilepsia farmacorresistentes, estes devem ser avaliados criteriosamente para que as sequelas sejam minimizadas, melhorando assim o seu prognóstico (PURPLE, 2020).

O presente estudo tem como objetivo analisar as formas de manejo clínico, farmacológico e cirúrgico existentes para a epilepsia a partir das literaturas. Em vista disso, espera-se que este trabalho traga benefícios para a comunidade médica e acadêmica, visto que contribuirá para ampliação dos conhecimentos em relação a tratamento eficaz e quebra dos estigmas sociais em torno da doença.

Materiais e métodos

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, de aspecto descritivo e exploratório. Consiste em levantamento de informações bibliográficas e evidências científicas de assuntos por meio de dados sistematizados relacionados a abordagem terapêutica ao paciente com epilepsia, dessa forma, proporcionar uma análise crítica dos estudos que estão a compor esse projeto.

A seleção de estudos a serem analisados teve como critério a publicação de artigos no período de 2017-2021. A busca foi realizada por meio das seguintes plataformas: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), livros e protocolos e pesquisados os seguintes descritores: “epilepsia”, “tratamento da epilepsia”, “prevalência”, “contexto histórico”, “estigma, relação da epilepsia com outras patologias psicossomáticas”, “interações medicamentosas”, a partir disso foram encontrados 11.600 artigos

Dentre esse montante, foram observadas 29 literaturas para a análise, como critérios de inclusão as línguas portuguesa e inglesa e o título enfatizando o tratamento da epilepsia. A partir disso 17 foram excluídos devido a não contribuição com a terapêutica clínica e farmacológica restando assim apenas 12 artigos para análise integral, com o objetivo de alcançar os melhores resultados para a revisão sistemática. As informações foram colhidas de forma ética e respeitosa, selecionadas e referenciadas com rigor.

Como critérios de exclusão foram definidos: artigos incompletos e duplicados, que não contemplem a ideia de base e que tenham uma população estudada restrita.

Resultados

Quadro 1 – Exposição dos artigos selecionados para a revisão, considerando título / autor, ano, objetivo e resultados

TÍTULO/ AUTOR	ANO	OBJETIVO	RESULTADOS
---------------	-----	----------	------------



Da Costa, Álika Rocha; De Cássia Corrêa, Polianne; Partata, Anette Kelsei. epilepsia e os fármacos mais utilizados no seu tratamento. revista científica do ITPAC, v. 5, n. 3.	2012	Tendo em vista a falta de informação por parte da sociedade, a presente revisão objetiva-se em divulgar conhecimentos sobre essa patologia, abordando os fármacos mais utilizados no esquema farmacoterapêutico, relacionando as reações adversas mais frequentes e as dificuldades encontradas para uma melhor adesão ao tratamento.	Para uma melhor adesão ao tratamento. Deve-se levar em consideração os riscos e complicações durante o mesmo, ressaltando a importância do farmacêutico para o paciente em seu tratamento. Por ser um profissional que dispõe de conhecimentos técnico-científicos com o fundamento no conhecimento das áreas exatas e biológicas, o farmacêutico ocupa um ponto chave na assistência ao paciente, podendo auxiliar na seleção do medicamento e promovendo seu uso racional.
De Souza, Ingrid Fernandes <i>et al.</i> Perfil epidemiológico da epilepsia e mal epilético em pacientes menores de 19 anos no estado do Tocantins entre 2007 a 2017. revista de patologia do Tocantins, v. 8, n. 1, p. 33-37.	2021	Nesta conjuntura, pretende-se obter um panorama dos dados existentes sobre morbimortalidade em pacientes portadores de epilepsia e mal epilético menores de 19 anos no estado do Tocantins entre 2007 a 2017.	Os dados analisados apresentaram um aumento do número de óbitos, porém não proporcional conforme a idade. Com maiores números de óbitos entre 1 a 4 anos e 15 a 19 anos. O número de internações aumentou durante o período analisado, com maior número dos casos em pacientes do sexo masculino entre 1 a 4 anos.
Monteiro, Tiago Pires Mendes. Uso Terapêutico do Canabidiol na e Epilepsia: revisão de literatura.	2020	A literatura pesquisada descreve que o uso do canabidiol para tratamento da epilepsia é um modelo terapêutico promissor sendo, portanto, autorizado pelas agências de controle de medicamentos pertinentes.	Os estudos analisados nesta revisão descreveram que o uso do canabidiol como opção terapêutica, principalmente em patologias como a epilepsia, demonstrou ser um tratamento promissor principalmente no sentido de amenizar o quadro clínico do paciente oferecendo, portanto, uma melhor qualidade de vida as pessoas que tem que conviver com esta doença.
Trindade, a. r., da Silva Anjos, m. n. g., De Carvalho Bastos, a., & Oliveira, s. j. g. s. Canabinóides para Tratamento de Epilepsia em Crianças. in <i>congresso internacional de enfermagem</i> (vol. 1, no. 1).	2017	Explorar as evidências científicas sobre o uso dos Canabinóides para o tratamento da epilepsia.	Cerca de 48% dos especialistas e neurologistas, a população geral e os pacientes 98%, enfermeiros, médicos gerais e pesquisadores 83%, recomendariam o uso do CBD, mostrando uma grande disparidade de opiniões em relação ao uso do CBD.
Medeiros, Franciele Castilhos <i>et al.</i> Uso		Essa revisão tem como objetivo analisar os benefícios da	Foi realizado um levantamento bibliográfico de publicações



Medicinal da Cannabis Sativa (cannabaceae) Como Alternativa no Tratamento da Epilepsia. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 6, p. 41510-41523.	2020	Cannabis sativa e seu uso terapêutico para o tratamento da epilepsia, mostrando a importância do seu uso medicinal, das ações farmacológicas e seus efeitos adversos.	referentes a estudos sobre hipertensão arterial e a adesão do tratamento através da plataforma de dados no Google Acadêmico, Scielo e LILACS. Dessa maneira, a pesquisa, identificação e a manipulação de seus componentes químicos, se mostram eficazes, apesar de que as questões de políticas públicas sejam complicadas e limitadas em diversos países por terem a proibição do uso da Cannabis.
Moreira, Gabriela Carrion Degrande; Furegato, a. r. f. Pessoas com Epilepsia, Uso de Álcool, Tabaco e outras Drogas e o Cuidado de Enfermagem: Revisão. nucleus, v. 15, n. 2, p. 147-151.	2017	Esta revisão objetiva conhecer o que a literatura científica tem descrito quanto ao uso de álcool, tabaco e outras drogas ilícitas e o cuidado de enfermagem às pessoas com epilepsia.	Nos artigos selecionados identifica-se falta de relação da temática do uso de álcool, tabaco e outras drogas com epilepsia. O cuidado de enfermagem com intervenções efetivas surgiu em dois artigos. O déficit de publicações específicas evidencia falta de foco na saúde mental de pessoas com epilepsia.
Passos, Gustavo. História e Evolução da Cirurgia Para Epilepsia. Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia: Brazilian Neurosurgery.	2017	Assim, torna-se importante o conhecimento histórico e evolutivo para que possamos compreender melhor a atual posição da cirurgia para tratamento e controle das epilepsias.	Novas técnicas e tecnologias nos propiciaram o melhor entendimento, diagnóstico e manejo da epilepsia (desta enfermidade). Assim, torna-se importante o conhecimento histórico e evolutivo para que possamos compreender melhor a atual posição da cirurgia para tratamento e controle das epilepsias.
Gomes, Marleide da Mota. Prognóstico a Longo Prazo da Epilepsia. Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology, v. 18, p. 35-40.	2012	Este trabalho foi desenvolvido para desenvolver o conhecimento atual deste tema através de uma revisão narrativa baseada principalmente em estudos de coorte prospectivos ou retrospectivos populacionais em PCE recentemente diagnosticadas, período de acompanhamento de pelo menos de 10 anos, sendo a variável de desfecho a remissão ou recorrência das crises epiléticas (CE), além da morte.	Na maioria das pacientes com epilepsia (PCE) recém diagnosticadas, principalmente de origem idiopática, o prognóstico a longo prazo da epilepsia é favorável, mas a epilepsia permanece ativa em cerca de 30% e torna-se farmacorresistente em aproximadamente 10%. Reconhece-se também que as PCE têm um risco aumentado de morte prematura, sendo o risco maior logo após o início das crises epiléticas.
Matos, Rafaella la et al. O Uso do Canabidiol no		O objetivo deste estudo consiste em reunir dados bibliográficos que descrevam o perfil terapêutico do canabidiol (CBD),	Diversos estudos clínicos evidenciam os efeitos benéficos do CBD contra crises convulsivas, apresentando



Tratamento da Epilepsia. Revista Virtual de Química, v. 9, n. 2, p. 786-814.	2017	o principal componente não psicoativo da planta Cannabis sativa (maconha), no tratamento dos transtornos psíquicos, em especial nas epilepsias refratárias.	melhora total ou parcial na maioria dos pacientes analisados. Além disso, a utilização do canabinoide não manifestou relevantes efeitos.
Morais, Andrea Marcia Saraiva <i>et al.</i> Uso da Dieta Cetogênica como Auxiliar no Tratamento da Epilepsia: Uma Revisão.	2019	Objetivo do trabalho foi conhecer os resultados decorrentes do uso desse tratamento nutricional como via de melhora da doença.	Certificou que a dieta cetogênica possui eficácia na diminuição das crises convulsivas, isso quando realizada de forma correta e com acompanhamento dos profissionais adequados, sabendo que a mesma não pode ser utilizada por longos períodos devido ao alto teor de gorduras consumidas e baixa ingestão de micronutrientes.
De Oliveira Costa, Lílian Lúcia; Brandão, Eralyne Camapum; Segundo, Luiz Márcio de Brito Marinho. Atualização em e Epilepsia: Revisão de Literatura. Revista de Medicina, v. 99, n. 2, p. 170-181.	2020	O presente estudo visou descrever a atualização sobre definições, tipos de epilepsia, classificações etiológicas, diagnóstico, principais tratamentos farmacológicos e alternativos.	Por meio da definição do tipo de crise epilética e a identificação da causa é possível delinear o tratamento apropriado, conduzido de acordo com a singularidade e a resposta de cada paciente, promovendo dessa forma, uma escolha terapêutica satisfatória e melhoria da qualidade de vida, minimizando ou mesmo excluindo danos.
Alencar, Ítalo Franklin Barbosa <i>et al.</i> O Canabidiol e a Epilepsia Fármaco-resistente: Uma Revisão Integrativa dos últimos 5 anos.	2018	Revisar e analisar o uso do canabidiol no tratamento das epilepsias refratárias ao uso das drogas antiepilépticas.	A partir da revisão de 06 estudos retrospectivos, foi possível observar um efeito benéfico na utilização do canabidiol como redutor de crises convulsivas nas epilepsias fármaco-resistentes, bem como avaliar os efeitos adversos da utilização dessa droga. Um total de 442 pacientes, de faixas etárias diferentes, fizeram parte da análise dos estudos retrospectivos.

Fonte: Elaborado pelos autores

Para elaborar este artigo foram analisados ao todo 12 artigos sendo entre eles 11 revisões literárias e 1 artigo de pesquisa transversal, descritiva, de caráter quantitativo, como apresentados no Quadro 1.

Discussão

A epilepsia é conceituada como uma doença de caráter crônico, definida pela recorrência de crises epiléticas causadas por descargas elétricas exageradas em uma específica região do encéfalo, determinada por no mínimo duas convulsões não provocadas (MOREIRA, 2018).



Na perspectiva de outro ponto de vista, baseado na Liga Internacional contra a Epilepsia, entende-se que apesar de ser compreendida como uma entidade nosológica, não pode ser considerada uma doença única, pelo fato de amparar critérios dos mais, aos menos específicos em síndromes eletroclínicas. Com essa possibilidade de classificação abrangente, existe uma vasta possibilidade de prognósticos, dessa forma, podendo proporcionar uma melhor conduta terapêutica (MOTA, 2012).

Ao dissertar sobre a história e evolução da cirurgia para epilepsia, Passos (2017) relata que no passado existia uma visão estigmatizada da epilepsia, relacionando as crises convulsivas com uma possessão espiritual demoníaca. Devido a essa crença, o tratamento era de caráter religioso, baseado em técnicas extremamente invasivas como a trepanação, na qual consiste em um acesso na cavidade craniana do paciente por meio de uma perfuração.

Descrita em manuscritos anteriores a 1500 a.C. este procedimento cirúrgico foi realizado em várias regiões do mundo desde a Idade da Pedra. Relata também que no ano 1886 iniciou a era contemporânea da cirurgia para epilepsia como tratamento para as crises existentes. Com isso, a cirurgia foi realizada pela primeira vez na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em 1950 pelo neurocirurgião Paulo Niemeyer Soares (PASSOS, 2017).

O diagnóstico da epilepsia causa grande impacto no paciente e seus familiares e por esse motivo deve ter um controle eficaz. Dentre as opções terapêuticas, tem a opção de se realizar o tratamento farmacológico, que são conhecidas como drogas antiepilépticas e anticonvulsivantes, sendo as de maior relevância clínica: Fenobarbital, Fenitoína, Carbamazepina, Valproato (CORREIA, 2012).

Visto isso, o Fenobarbital foi um dos primeiros a ser administrado para o controle das crises convulsivas inibindo neurotransmissores gabaérgicos. Sendo um fármaco não sedativo, a Fenitoína possui efeito de bloqueio na excitação de células que sofrem disparos repetidos, sendo seu efeito bloqueador proporcional à excitação do neurônio sem interferir nos disparos de baixa frequência (estado fisiológico do neurônio). A Carbamazepina é um derivado dos antidepressivos tricíclicos, que atua na inibição do bloqueio de canais de sódio e cálcio, impedindo a formação de potencial de ação. Com grande espectro de ação agindo na via gabaérgica, o Valproato é eficaz na maioria das crises (CORREIA, 2012).

Tendo em vista essas informações, Luiz Brito (2020) em seu artigo, (Atualização em epilepsia: revisão de literatura), discute sobre o manejo clínico no tratamento da epilepsia, em que, no primeiro momento se inicia com a monoterapia. No entanto, se não houver resposta pode-se mudar a medicação, fazendo novos testes, e logo após fazer uma combinação entre duas drogas. Em alguns casos, é preciso lançar mão da politerapia com baixa eficácia, porém, se ocorrer persistência das crises, opta-se por uma intervenção cirúrgica.

Para pacientes com resistência ao tratamento medicamentoso, foram desenvolvidas técnicas cirúrgicas como uma alternativa terapêutica. As primeiras cirurgias para epilepsia eram fundamentadas na visualização direta de lesões no córtex, para isso eram realizadas trepanações no acesso cirúrgico. Os pacientes contemplados eram aqueles que possuíam uma epilepsia crônica tendo como critério da zona a ser operada, a observação clínica e semiológica das crises epiléticas (PASSOS, 2017).



Em relação à dificuldade do tratamento clínico, Annette Parttata (2012) relata que crises com intratabilidade farmacológica tem indicação cirúrgica para epilepsia, podendo lançar mão dos seguintes métodos cirúrgicos: ressecção cerebral focal, lobectomia temporal anterior; lesionectomia; hemisferectomia.

Com o advento da tecnologia, exames de imagem sofisticados são utilizados no diagnóstico anatômico preciso da origem das desordens elétricas, sendo eles, Eletroencefalograma (EEG), Ressonância Nuclear Magnética funcional (RNMf), Tomografia Computadorizada (TC). Todos esses recursos auxiliam na delimitação da zona epileptiforme. Os diagnósticos precisos são importantes nos casos não traumáticos em que os pacientes são refratários ao tratamento medicamentoso, sem identificar alterações da RNM. A associação desses exames e uma equipe multidisciplinar é indispensável para um melhor prognóstico do paciente, principalmente quando submetido em procedimentos cirúrgicos, melhorando sua avaliação pré-operatória e a viabilização da cirurgia a fim de obter a melhor taxa de controle das crises sem causar danos iatrogênicos ao paciente (PASSOS, 2017).

Como um dos percalços na terapêutica, a epilepsia refratária possui dificuldade quanto ao seu conceito. Oliveira (2020), em uma análise de estudos, observou a não existência de um consenso dentre as literaturas quanto à classificação. Uma vertente considera a ocorrência de uma crise por mês durante um determinado período de tempo, fazendo uso regular das drogas antiepilépticas. Já outra possível definição, também apoiada por Alencar (2018), sendo essa a mais aceita, consiste em não haver um controle da frequência das crises com uso de, no mínimo, duas ou três drogas anticonvulsivantes com a maior dose tolerada e com intervalo de um ano, ou quando sem efeitos adversos, se diminui de maneira considerável as crises.

Com o insucesso do tratamento clínico convencional, opções terapêuticas alternativas foram desenvolvidas, em que é relatado por Oliveira (2020) no seu artigo, sendo uma delas a estimulação do nervo vago que produz um pulso que é inserido na região subcutânea, abaixo da clavícula. Acredita-se que seu mecanismo de ação é baseado através da liberação da noradrenalina e serotonina, em que ativa a projeção do trato do núcleo solitário, diminuindo a frequência das crises. No entanto, os efeitos colaterais existentes são rouquidão, tosse e parestesia na faringe devido à intensidade dos estímulos.

De acordo com Moraes (2019) e Alencar (2018), uma outra opção é a dieta cetogênica (DC), em que sua indicação é feita na tentativa de diminuição das crises. Oliveira (2020) sugere que esta dieta deve ser acompanhada por um nutricionista, sendo baseada em uma alimentação pobre em carboidratos, proteínas e rica em lipídios. A duração desse tratamento geralmente é de dois a três anos, dependendo da resposta clínica esse tempo pode ser alterado. Dentre os efeitos colaterais observados na adoção da dieta observa-se deficiência de micronutrientes, devido à restrição de alguns grupos de alimentos como frutas, derivados do leite e legumes, havendo a necessidade de suplementação de micronutrientes (MORAIS, 2019).

Os pesquisadores Medeiros (2020), Trindade (2017), Monteiro (2020) defendem o uso de canabinoides para o tratamento de epilepsia em crianças. O princípio ativo direcionado ao tratamento é o canabidiol (CBD) que não causa efeitos psicoativos, nem dependência química, proporcionando redução da ansiedade e aumento da concentração.

O CBD tem ganhado espaço para o tratamento da epilepsia por apresentar uma redução importante das crises epiléticas em pacientes portadores dessa patologia.

Dessa forma, melhorando a qualidade de vida. Conforme relatado por Pires (2020), o canabidiol não possui efeitos psicotrópicos, proporciona redução da ansiedade e contribui no aumento da concentração. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) inseriu medicamentos derivados do canabidiol na lista de substâncias psicotrópicas vendidas com receituário tipo A, através da Portaria SVS/MS no 344/98 em 2016. A Resolução N. 2.113, de 30 de outubro de 2014, regulamenta o uso compassivo do CBD como terapêutica médica (MATOS, 2017).

Em um estudo realizado por Mota (2012) visando o prognóstico dos pacientes com epilepsia, chegou-se à conclusão de que na metade dos pacientes com crises iniciadas na infância há a resolução do quadro sem recidivas; um quinto obtém cura após um quadro de recidiva. Observou que, quanto mais tempo sem tratamento para as crises epiléticas, mais longo será o período para atingir a remissão. No quesito de mortalidade, o risco de uma morte prematura aumenta após o início das crises.

Desse modo, a revisão das literaturas levará a uma melhor compreensão dessa doença. Com isso conscientizar sobre os benefícios do diagnóstico precoce, para que possa realizar exames adequados, acesso a uma equipe multidisciplinar e, conseqüentemente, desenvolver a terapêutica adequada com a melhor eficácia do tratamento, minimizando a recorrência das crises, diminuindo as sequelas que o paciente venha sofrer caso tenha um diagnóstico tardio. Contudo, faz-se necessário maiores estudos quanto a prevalência, diagnóstico, tratamentos e acompanhamento longitudinal desses pacientes (SOUZA, 2021).

Conclusão

A epilepsia é uma enfermidade que afeta diretamente a vida do paciente, pois o estigma em torno da doença gera um trauma psicossocial nos acometidos por não haver uma previsibilidade em relação a ocorrência das crises, que podem ocorrer a qualquer momento. O diagnóstico precoce é de suma importância para a seleção terapêutica adequada e dessa forma trazer uma melhor qualidade de vida ao paciente aumentando as chances de ter a remissão completa das crises, e assim, prevenir a ocorrência de lesões neurológicas.

A escolha do tratamento para atingir a eficácia é individualizado para cada paciente, que tem como opções: tratamentos farmacológicos, como o Fenobarbital, Fenitoína, Carbamazepina e Valproato; a dieta cetogênica baseada na restrição de carboidratos, proteínas e rica em lipídios, a qual promove um estado de cetose; o tratamento cirúrgico que consiste em chegar a um diagnóstico preciso da área ictal primária, realizando a retirada completa dessa zona com o mínimo de dano ao paciente, prevenindo *déficits* funcionais e buscando o controle das crises.

Dessa forma deve-se ter uma observação contínua da evolução clínica do paciente e atentar a caracterização dos aspectos da epilepsia com foco nas peculiaridades de cada caso, para promover uma terapêutica adequada na tentativa de uma resposta satisfatória na saúde do paciente.

Referências

ALENCAR, Ítalo Franklin Barbosa. O canabidiol e a epilepsia fármaco-resistente: uma visão integrativa dos últimos 5 anos, 2018. Disponível em: http://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_22/Trabalho_21.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.

COSTA, Álika Rocha; DE CÁSSIA CORRÊA, Polianne; PARTATA, Anette Kelsei. Epilepsia e os fármacos mais utilizados no seu tratamento. **Revista Científica do ITPAC**, v. 5, n. 3, 2012.

COSTA, Lílian Lúcia; BRANDÃO, Erayne Camapum; SEGUNDO, Luiz Márcio de Brito Marinho. Atualização em epilepsia: revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 99, n. 2, p. 170-181, 2020.

SOUZA, Ingrid Fernandes et al. Perfil epidemiológico da epilepsia e mal epilético em pacientes menores de 19 anos no estado do Tocantins entre 2007 a 2017. **Revista de Patologia do Tocantins**, v. 8, n. 1, p. 33-37, 2021.

FERNANDES, Paula Teixeira et al. Percepção de estigma na epilepsia. *Journal of epilepsy and clinical neurophysiology*, 2006.

Fisher, RS A Nova Classificação de Apreensões pela International League Against Epilepsy 2017. *Curr Neurol Neurosci Rep* 17, n 48 ,2017.

GÓIS, Sebastião Rogério Moreira. Epilepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnóstico e tratamento. *Mental*, v. 2, n. 3, p. 107-122, 2004.

GOMES, Marleide da Mota. Prognóstico a Longo Prazo da Epilepsia. **Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology**, v. 18, p. 35-40, 2012.

KANASHIRO, Ana Lucia Andrade Noronha et al. **Epilepsia**: prevalência, características epidemiológicas e lacuna de tratamento farmacológico. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Ciências Médicas.

MATOS, Rafaella LA et al. O uso do canabidiol no tratamento da epilepsia. **Revista Virtual de Química**, v. 9, n. 2, p. 786-814, 2017.

MEDEIROS, Franciele Castilhos et al. Uso medicinal da Cannabis sativa (Cannabaceae) como alternativa no tratamento da epilepsia. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 41510-41523, 2020.

MONTEIRO, Tiago Pires Mendes. Uso terapêutico do canabidiol na epilepsia: revisão de literatura.

MORAIS, Andrea Marcia Saraiva et al. USO DA DIETA CETOGÊNICA COMO AUXILIAR NO TRATAMENTO DA EPILEPSIA: UMA REVISÃO.

MOREIRA, Gabriela Carrion Degrande; FUREGATO, A. R. F. Pessoas com epilepsia, uso de álcool, tabaco e outras drogas e o cuidado de enfermagem: revisão. **Nucleus**, v. 15, n. 2, p. 147-151, 2018.

PASSOS, Gustavo. História e evolução da cirurgia para epilepsia. *Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia*: **Brazilian Neurosurgery**, 2017.

YACUBIAN, Elza Márcia Targas; MANREZA, Maria Luiza; TERRA, Vera Cristina (org). Purple book: guia prático para o tratamento de epilepsias: recomendações para tratamento de crises e síndromes epiléticas de um grupo de especialistas brasileiros -- 2. ed. -- São Paulo: Planmark, 2020.

TRINDADE, Ana Rodrigues et al. Canabinoides para Tratamento de Epilepsia em Crianças. In: **Congresso Internacional de Enfermagem**. 2017.

YACUBIAN, Elza Márcia Targas; KOCHEN, Silvia. Crises epiléticas. São Paulo: Leitura Médica Ltda, v. 96, 2014.